

1264 59

UM POETA NA ACADEMIA (*)

Artur Eduardo Benevides

Escolhido por vós, com gentileza extrema, junto à alta direção desta Casa de cultura, a mais antiga do Brasil, coube-me a honra de saudar-vos, no momento em que sois reconhecido, pela comunidade intelectual de Fortaleza, como um daqueles que deverão permanecer, por indeclinável merecimento, na História da Literatura Cearense.

A partir de hoje, sois um membro efetivo da Academia, o que, por certo, vos envaidece, mas constitui, antes de mais nada, o tributo maior da nossa admiração à vossa condição de escritor.

Só vos tenho visto, aliás, como um autêntico poeta e assim somente continuarei a ver-vos, pois permanecestes fiel àquela chama espiritual que iluminou os vossos primeiros sonhos, na fase exuberante da adolescência, em que percebestes, de repente, o vosso múnus, ou missão temporal, no universo maravilhoso e plástico da criação literária. E como poeta estais aqui, na hora transcendente de vossa sagração acadêmica, que vale, fundamentalmente, como um julgamento antecipado da História, pois soubestes atender, com dignidade, aos chamados da Poesia, ampliando, assim, vossa visão do mundo. E se a Poesia, no seu étimo grego, representa criação, é certo, como lembrava Romain Roland, nas páginas de *Jean Christophe*, que “não há outra alegria senão a de criar”, pois, com esse ato, o poeta e o artista podem vir a matar a própria morte.

Não sei se num momento assim, de triunfo e esplendor, em que as luzes brilham sobre a vossa glória pessoal, firmemente

(*) Discurso na posse de Carlos d'Alge na Cadeira n.º 36, da Academia Cearense de Letras, em 30/10/1980.

construída, haverá lugar para uma saudade. Mas sois, por etnia, português, e foram os vossos, ao dedilhar de guitarras, nos tombadilhos dos navios, que inventaram essa memória sagrada, esse claro-escuro em que, por vezes tantas, ficamos todos nós, herdeiros da ilustre e brava gente que o quase divino Camões, tão grande quanto o mar, eternizou.

Sim, há de caber aqui uma saudade. E por ela vos vejo quando chegastes, nos verdes anos, a Fortaleza, pelos idos de 1947, e logo me procurastes, com a maior esperança, na ilusória convicção de que vos pudesse ajudar literariamente. Na realidade, vós é que acabastes por me ajudar, pois conhecer-vos foi uma forma de enriquecer o meu espírito.

Lembra-me claramente: chegastes a mim, com a nobre educação que vos distingue, e me confiastes alguns versos de primeira sação, pelos quais, de logo, pude sentir a dimensão de vossa alma visionária e lúcida, dotada daquele poder silencioso da Poesia, com que se transfigura o real e se torna concreto o imaginário.

Minha alegria — a peregrina alegria de encontrar, mesmo de quando em raro, um legítimo poeta — foi grande. Olhei-vos com respeito desde então, sobretudo ao pensar, como Heidegger, que só a Poesia é capaz de libertar os seres e as causas de sua natural vulgaridade, envolvendo-os com a magia de sua face iluminante, capaz de ampliar a secreta significação de tudo aquilo que permanece na visão essencial e romântica da vida.

Contudo, nada fiz por vós, nem necessitáveis disso. Num generoso engano, que revela uma aura de bondade, já proclamastes, mais de uma vez, que me éreis grato por quanto imaginastes que vos fizera. Que fiz, porém? Apenas, e tão-somente, acreditei em vós, num mundo em que poucos bem pouco em poucos acreditam. Conseqüentemente, acreditei na vossa arte e na vossa capacidade de criação e de crítica, como decorrência natural da irrecusável cultura humanística que soubestes acumular no processo de vossa formação intelectual.

Tendes, ao lado de uma firme consciência técnica de composição, a visão integral de um poeta, trabalhando criativamente no universo das sínteses, das imagens, das metáforas, das metonímias, das sinestésias, das palavras redescobertas, das invenções verbais, das singularidades temáticas, da verticalidade do verso, das contemplanções maiores e mais abrangentes, na busca incessante da plenitude do poema. Sabeis que a verdadeira Poesia só amadurece na solidão interior e que todos os poetas, para que verdadeiramente o sejam,

devem dizer as cousas como se as vissem pela primeira vez, que outra não foi a lição de Rilke e de Montaigne.

Poeta, portanto, é aquele que sabe reinventar a vida, o tempo, o ser e o mundo, transformando a tristeza em beleza e engrandecendo e multiplicando o sentido de todas as cousas. Afinal, como lembrava Ezra Pound, a Poesia é uma espécie de matemática inspirada, sendo "mais filosófica e mais verdadeira que a história, pois exprime o universal, enquanto a história exprime o particular", de acordo com o conceito aristotélico.

E poeta, mais que tudo, tendes sido, quer vos encontreis na cátedra universitária, na chefia de altos gabinetes, no exercício de pró-reitorias, na direção de centros e departamentos, na presidência de fóruns de debates, em concursos, seminários e prélios intelectuais. Quem vos escuta ou lê sente, de imediato, que estais a serviço de ideais poéticos, desses mesmos ideais que, a um só tempo, nos afastam e nos aproximam da realidade, segundo a visão de Goethe. E a vossa palavra é clara, límpida, serena e bela, pois viveis impregnado de paz, solidariedade, compreensão e concórdia.

Por isso mesmo, quando vos aproximastes de mim, já trazíeis convosco a marca poderosa do vosso destino literário e humano. Sim, porque a Poesia não é apenas um gênero, ou uma forma de exteriorização de emoções, sentimentos e experiências pessoais. É, sobretudo, uma filosofia de vida, uma cosmovisão essencial, uma ótica maior, uma ponte invisível entre o eterno e o efêmero. Homero era cego, mas o que nos ensinou a ver fulgura sobre o tempo com a força de um sol.

Ao saudar-vos, pois, nesta hora, vejo, na transparência histórica e espiritual de vossa imagem, um poeta, condição que visualizo na mesma altitude em que contemplo aqueles que, abandonando as glórias fugazes, vão servir a Deus na caridade e na renúncia aos bens terrenos. E oportuno é lembrar que o Abade Henry Brémond encontrou, em seus estudos, grandes traços de identidades entre a oração e o poema, ambos produtos da solidão, da sabedoria e das profundas vozes do espírito, muito embora nem todos os poetas possuam aquela *powerfull rhyme* de que falava Shakespeare, ou saibam sentir, como o grande poeta mexicano Octavio Paz, a *indecible presencia de presencias*...

E de poetas necessitam as Academias. De poetas está necessitando o mundo, nesta situação difícil a que nos conduziram os tecnocratas, os cientistas sem visão humanística, os líderes de undécima hora, os professores de caos. A verdade é que muitos riram de nós, nas estradas do tempo, quando

ousamos falar. E continuaram a semear abismos e catástrofes, ignorando as advertências partidas do nosso realismo premonitório. E aí estão as crises globais, os absurdos transformados em realidade, na dança interminável dos cronogramas e organogramas, incapazes, como diz o embaixador Roberto Campos, de substituir os humanogramas.

Quando dizemos certas verdades irrespondíveis, chamam-nos de ingênuos. Mas sabemos, por exemplo, que a solução do grande problema social está na urgente instauração do salário-justiça, que considere a capacidade profissional do homem e as necessidades gerais da família, ao lado de uma distribuição mais justa dos lucros e dos bens, para que haja, efetivamente, aquela autêntica promoção do ser humano, pela qual, ainda recentemente, tanto se bateu a santa figura de João Paulo II, o Peregrino da Paz. E para tanto há o imperativo das reformas sociais e econômicas, antes que seja tarde demais e as multidões desesperadas, elas mesmas, procurem agir cegamente, destruindo estruturas que já se revelam vacilantes ou instáveis, como previu Ortega y Gasset. Ou resolvemos tudo dentro de uma legítima social-democracia, sem messianismos de qualquer natureza, ou seremos, inapelavelmente, seduzidos por opções à margem do sentido cristão da vida.

É chegada a hora de um governo de união nacional, sob o primado da mais franciscana austeridade, com a substituição de condutas viciosas e a implantação de uma mentalidade mais compatível com a nossa condição de país em desenvolvimento. Deixemos de lado a psicose da riqueza, que nos levou a construir transamazônicas, itaipus, usinas nucleares, metrô, pontes faraônicas e outras obras gigantescas, sacrificando um erário já exangue e aumentando a espiral inflacionária. Temos de encarar, com firmeza, a nossa verdade nacional, em benefício da coletividade, para que as atuais verdades se transformem em grandes caminhos, no futuro.

Perdoai-me essa digressão, senhor Acadêmico Carlos d'Alge, na festa que com tanta justiça vos oferecemos. Fi-la por saber que também pensais assim, em termos de elevação da pessoa humana, numa sociedade massificada. E essa visão superior e solidária está em alguns versos vossos, nas imagens que se tornam por vezes herméticas, pela profundidade frásica, ou pelo disfarce simbólico, como atrativos estilísticos.

O importante, porém, no julgamento de vossa produção literária, é saber se ela, realmente, traduz a legitimidade indispensável à sua conceituação como obra de arte. E, nesse sentido, desde os versos de *Solidão maior* até os de *Sintaxe do*

compromisso, passando pelo pensamento crítico-interpretativo contido em *Terra do mar grande*, *Aspectos da Nova Literatura Portuguesa*, *As Relações Brasileiras de Almeida Garrett* e *Exílio imaginário*, tudo em vós ressumbra autenticidade e cultura.

Sois um poeta e um escritor de estilo claro e brilhante, disciplinado e sóbrio. Dizeis o essencial e o fazeis com elegância ética, harmonioso equilíbrio e espontaneidade. E o que mais exigir-se de quem escreve, se na parte conteudística mostrais um espírito alimentado pela verdade e pela beleza? Homem de palavra medida e exata, como decorrência talvez da atividade magisterial, falais com segurança exemplar, revelando, a toda a hora, o conhecimento dos melhores autores clássicos e modernos.

Daí a validade e a seriedade das vossas criações literárias. Surgia, em todas as páginas, como um sereno engenheiro da palavra, como alguém que sabe criar e dar testemunho diante de Deus e da História. E esse testemunho tem sido, irrecusavelmente, o fulcro da missão de todos os poetas, a partir de Homero, ou antes dele, que poetas houve desde as auroras, ou primeiros tempos. Quando o homem teve necessidade de recriar as cousas e os seres através da palavra, redimensionando o mundo com a fantasia e o sonho, que os críticos, na Renascença, chamavam de fingimento, manifestou-se, então, o poeta. E de lá para cá temos procurado desempenhar nossa missão com um só propósito, mesmo que a intensidade de nossa ação varie com a maior ou menor capacidade de transfiguração dos elementos que nos rodeiam ou daqueles que imaginamos para traduzir simbolicamente cousas intraduzíveis.

Isso tendes feito no vosso verso, na vossa visão analítica, na vossa interpretação de fenômenos culturais e históricos, ou na reconstrução de sentimentos e memórias que se acham nos vossos escritos, ao longo de uma atividade incessante e múltipla, na qual tendes demonstrado as potencialidades do vosso espírito, que se conserva numa perspectiva universal e perene e torna mais generosa a vossa compreensão do mundo.

Não tendes feito mais que isso no vosso ofício de escritor e de poeta. Sois, essencialmente, um intérprete do homem, na sua dimensão individual, social e eterna, nos segredos e frustrações de sua alma, nas esperanças e nos desconcertos de seus caminhos, nas mágoas e expectativas de sua solidão.

Por tudo isso, quis a Academia premiar o vosso trabalho, elegendo-vos para a vaga decorrente da morte de Hugo Cantunda, que dedicou a sua vida à investigação do nosso pas-

sado. Mas estamos certos de que ireis substituí-lo a contento e só isso já constitui, por certo, um desafio à vossa inteligência.

Escolher-vos, pois, por todos esses motivos, foi ato de justiça. E aqui vos encontrais, na glória desta noite, entre palmas e augúrios, a assumir a cadeira que vos é merecidamente confiada.

No momento em que ingressais nesta Casa, trago-vos as saudações mais fraternas dos vossos novos companheiros, que muito esperam de vossa comprovada dedicação à cultura. Quanto a mim, particularmente, sinto-me feliz por ver-vos entre nós. E, olhando para o passado e para o futuro, digo-vos, mais uma vez, com minhas comovidas homenagens, que continuo a acreditar na força criadora do vosso espírito e no sereno poder da vossa inteligência.

A Academia, a partir de hoje, se rejuvenesce com o brilho dos vossos méritos. E estou certo de que, servindo-a, sabereis honrá-la. E, honrando-a, vireis a engrandecê-la ainda mais, com a vossa mensagem tocada de humanismo.

Digo-vos, portanto, não sem certa emoção, pela amizade que nos une: entrai. Tudo aqui é vosso. Corações e mentes vos aguardam. E podeis repetir a sagrada lição do Evangelho: "pedi e recebereis; batei e abrir-se-vos-á".